

Ortodoxia e Heterodoxia: os debates e conflitos em torno das heresias nos primeiros séculos

Rosana Brito da Cruz¹
Submetido em Agosto/2015
Aceito em Agosto/2015

RESUMO:

Este artigo é resultado da defesa de monografia realizada na Universidade Federal do Pará sob a orientação do Prof. Msc. Thiago de Azevedo Porto cujo título foi “*Eusébio de Cesaréia e a História Eclesiástica: um discurso identitário acerca da ortodoxia via alteridade das heresias*” (2013). Com o objetivo de verificar os processos formadores de identidade através do contexto de escrita da obra *História Eclesiástica* do bispo Eusébio de Cesaréia, produzida nas primeiras décadas do século IV, pois a mesma possui elementos que serviram como modelo para os textos hagiográficos posteriores. Essa obra foi o ponto de partida para elaboração deste artigo, no qual será analisado mais precisamente um aspecto da obra, no que concerne a análise de um discurso formador de identidade que se dá através da afirmação da ortodoxia pela alteridade das heresias, buscando consolidar sua legitimidade.

Palavras-chave: Heresia, Ortodoxia, Identidade.

ABSTRACT:

This article is the result of the monograph defense held at the Federal University of Pará under the guidance of Prof. MSc. Thiago de Azevedo Porto cujo title was "Eusebius of Caesarea and the Ecclesiastical History: an identity discourse about orthodoxy via otherness of heresies" (2013). In order to verify the formation processes of identity through the Ecclesiastical obra História writing context of the bishop Eusebius of Caesarea, produced in the first decades of the fourth century, because it has elements that served as a model for later hagiographic texts. This work was the starting point for the preparation of this article, which will be analyzed more precisely one aspect of the work, as regards the analysis of a trainer discourse of identity that is through the orthodoxy of the statement by the otherness of heresies, seeking to consolidate its legitimacy.

Key words: Heresy, Orthodoxy, Identity.

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Pará. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da UFPA Email: rosanabc87@gmail.com

O objetivo deste artigo pauta-se em analisar um aspecto da obra *História Eclesiástica* do bispo Eusébio de Cesaréia, no que concerne a análise de um discurso formador de identidade que se dá através da afirmação da ortodoxia pela alteridade das heresias, buscando consolidar sua legitimidade. Abordaremos em nosso trabalho apenas os aspectos considerados cruciais para entendermos a relação que se estabeleceu entre Igreja e Império Romano ao longo de sua trajetória, principalmente no que diz respeito ao processo de legalidade pelo qual passou o cristianismo e os discursos apologéticos de autores cristãos para legitimar uma identidade cristã ortodoxa.

Com o processo de hierarquização discursiva no âmbito da organização eclesiástica, consideramos que as heresias assim definidas pela Igreja estavam intimamente ligadas com o desenvolvimento do poder eclesiástico: quanto mais intenso ele fosse maior seria seu poder de coerção. Observamos nesse momento do século IV, grandes discussões teológicas, concílios ecumênicos e controvérsias, sobretudo no que concerne à necessidade de definir a essência de Cristo, causando posteriormente um grande problema dogmático, que seria o de estabelecer a relação entre Deus, o Pai e o Filho, se estes seriam da mesma essência ou não. É nesse cenário que surge Ário que negava a divindade do verbo, tais questões foram resolvidas nos concílios que se seguiram de Nicéia e de Constantinopla.

Diante desse cenário é que trabalharemos sobre os movimentos chamados de heréticos, primeiramente fazendo uma breve conceituação do termo heresia para um melhor entendimento sobre o tema discorrido. Posteriormente, faremos considerações gerais sobre alguns movimentos apontados como heréticos nos primeiros séculos da Igreja. Finalizando o trabalho, abordaremos sobre as contendas em torno do cristianismo e do arianismo, além do posicionamento da Igreja perante as correntes de pensamentos que estavam em evidência no cenário eusebiano, de escrita da obra HE².

2.1. Conceituando heresia

É fundamental para o desenvolvimento do nosso trabalho, e para uma melhor compreensão do mesmo, apresentarmos, desde já, as bases conceituais do termo heresia, bem como algumas reflexões sobre o desenvolvimento histórico dos movimentos considerados heréticos nos primeiros séculos de organização da Igreja. Pois tanto o surgimento do conceito, quanto a sua aplicação pela Igreja (e seus representantes) nos

² Ao longo do trabalho, eventualmente, utilizaremos a sigla HE como substituto para História Eclesiástica.

primeiros séculos, constituem uma base importante para analisar o discurso de Eusébio de Cesaréia acerca das heresias na *História Eclesiástica*, objetivo principal deste trabalho.

As heresias tem sido uma temática muito discutida por diferentes autores, principalmente com o advento de novas modalidades historiográficas, sobretudo a história cultural, possibilitando um estudo acerca das relações que se estabeleceram entre heresia e religiosidade. Surgem, portanto obras que dialogam com tal temática, que são mais contemporâneas a nós, como *Pequena História das Heresias* de João Ribeiro, publicada em 1989, e ainda *História das Heresias (séculos I- VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo* de Roque Frangiotti, que aprofunda tais assuntos de forma a nos mostrar a diversidade de posicionamentos contrários ao que estava sendo imposto pelo cristianismo primitivo.

O termo Heresia vem do grego (*haíresis*) que significa escolha, foi criado historicamente e ganhando outros significados com o passar do tempo, na época helenística tinha o sentido de doutrina ou escolha. Com o advento do cristianismo, a palavra recebeu uma conotação pejorativa de “doutrina que está fora da Igreja”, ou seja, contrária aos princípios da fé cristã³. A definição e aplicação deste conceito foi um instrumento fundamental para a própria organização eclesial: definir quem eram os hereges era uma maneira de demarcar o que era certo dentro da Igreja, ou seja, delimitar um aspecto particular ou uma interpretação doutrinária como verdade, através da escolha feita por determinados grupos cristãos ou individualmente⁴.

Essas escolhas sempre irromperam conflitos, controvérsias e desentendimentos desde o início das comunidades cristãs, pois não era algo estável, o que fez com que uma doutrina se sobressaísse sobre as demais. É interessante esclarecer que inicialmente as heresias surgidas na Antiguidade eram de divergências teológicas, diferente das que surgem na Idade Média prenunciando a Reforma Protestante do século XVI⁵.

A partir desse processo que envolveu escolhas, debates e conflitos, a Igreja foi delimitando a doutrina tida como verdadeira, e a única a possuir a verdade revelada pelos apóstolos, apontando nas demais o errado e denominando-as de heresias. O surgimento das heresias não corresponde a uma visão pueril de que aos poucos a fé cristã tivesse sido deturpada por falsas doutrinas, mas deve-se ao fato de que havia uma multiplicidade dos testemunhos da fé, que resultaram em escolhas pessoais e na formação de comunidades

³RIBEIRO JÚNIOR, João. *Pequena história das heresias*. Campinas, SP: Papirus, 1989, p. 19.

⁴ OLIVEIRA, Elisana Ribeiro; CRUZ, Rosana Brito da. *Eusébio de Cesaréia e a História Eclesiástica: um discurso identitário acerca da ortodoxia via alteridade das heresias*. Alétheia – Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo Volume 2/2, julho a dezembro de 2011, p. 78.

⁵BARROS, José D' Assunção. *Papas, imperadores e hereges na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Série A Igreja na História). p. 55.

segregadas, desviando-se da doutrina fiel aos princípios. Desta forma, com o passar do tempo foi se afirmando a noção de ortodoxia, através da delimitação doutrinária e dogmática de tudo o que se considerava verdadeiro em questão de fé.

Nesse sentido, a heresia está estritamente ligada com a evolução do poder eclesiástico, ou seja, através do discurso propagado pela Igreja a respeito das práticas heréticas é que está inserido o objetivo de se alcançar o poder. O poder, muito além de gerar dominação, é o propagador do saber, das relações, do discurso, portanto quanto mais forte ele é mais as heresias são identificadas, condenadas e perseguidas. Percebe-se isto a partir do momento em que se dá a aliança entre Igreja Cristã e Império Romano, com Constantino, que não só legitimou o cristianismo como também as perseguições feitas aos hereges, que foram cada vez mais identificados e perseguidos por meios mais fortes e coercitivos.

O herege não é designado “herege” senão porque alguém investido de poder eclesiástico e institucional classifica suas práticas ou idéias como contrárias a uma ortodoxia tida como verdadeira. Todo herético tornou-se tal por decisão das autoridades ortodoxas. Ele é antes de tudo um herético aos olhos dos outros⁶.

As heresias, no entanto, sendo nomeadas como “desvios de conduta”, possuem elementos positivos para a evolução da doutrina cristã e para aprofundar o mistério e compreensão da fé, através de seus estudos. Sendo assim, são também consideradas como ocasião de progresso no seio da igreja.

No judaísmo essas escolhas passaram a ser responsáveis pelas várias seitas que nele existia, e com isso o termo recebe o significado pejorativo de heterodoxia, indicando quem se afastava da verdadeira doutrina da tradição rabínica, sendo acusados de serem os inimigos da fé.

“Realmente, todas as religiões soçobram no hábito e acabam por cansar. Cansam à medida que seus adeptos perdem fervor. A fé se enfraquece, perde dinamismo. Deixa de ser contagiosa como era na origem. O homem, pois, tem necessidade de ressuscitar-se a si mesmo, de morrer e de reviver; daí serem necessárias as pulsões da novidade, o empurrão das heresias, para retomar seu caminho em direção aos cumes da perfeição. Por isso, São Paulo dizia que “É preciso que haja heresias” (1Cor. 11,19)”⁷.

⁶ DUBY apud BARROS, José D' Assunção. *Papas, imperadores e hereges na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Série A Igreja na História). p. 56.

⁷ RIBEIRO JÚNIOR, João. *Pequena história das heresias*. Campinas, SP: Papirus, 1989, p. 20.

Com o passar do tempo a Igreja buscou se fortalecer através das heresias, como uma forma de reavivar a fé que muitas vezes se enfraquecia no âmbito da mesma. Assim como no início do cristianismo, a Igreja sempre buscou se consolidar e legitimar seu poder através das heresias, identificando nelas o errado e se afirmando como a verdadeira doutrina. Quando passava por algum enfraquecimento, buscava se fortalecer identificando outras heresias.

O cristianismo conheceu crises profundas, devido principalmente às interpretações pessoais das sagradas escrituras no contexto do século IV, e ainda os mais diversos cultos que tendiam para a capital do Império Romano. Havia diferentes tendências que afirmavam serem os defensores da verdadeira fé, grupos cristãos seguiram determinadas propensões religiosas à medida que iam recebendo a mensagem de Cristo, uma multiplicidade de testemunhos da fé levou à formação de *comunidades segregadas*⁸. No interior desses grupos surgiu o que ficou conhecido como *heresias*, a começar pela tendência judaizante na qual havia um conflito entre judeus-cristãos e os recém-convertidos do paganismo que não necessitavam passar pela circuncisão nem observar todas as práticas judaicas. Deveriam apenas aceitar o monoteísmo e os mandamentos. Diante desse judaísmo heterogêneo carregado de ideias cristãs e não- cristãs, que têm raízes pagãs, surgiram às chamadas heresias judaicas.

2.2 Considerações sobre algumas heresias, das origens ao século IV

É imprescindível fazermos algumas apreciações sobre o que entendemos por discurso e seus reflexos nas chamadas heresias de acordo com as interpretações tecidas por Helena HathsueNagamine Brandão, o discurso constitui um dos aspectos materiais de ideologia. Logo, pode se afirmar que é uma espécie pertencente ao gênero ideológico, ou seja, “os discursos são governados por formações ideológicas, pois, a formação ideológica tem essencialmente várias formações discursivas interligadas”⁹.

Partimos do pressuposto que o discurso é transmitido ao longo do tempo, fruto das relações sociais nas quais o poder está interligado com as práticas discursivas, que por sua vez apontam para os processos formadores de identidade no contexto de escrita das fontes. Helena Brandão faz uma análise do conceito de discurso em Foucault, sobretudo no que diz respeito à relação do enunciado com seu sujeito.

⁸Cf. STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B. Antiguidade In: LENZENWEGER, Josef etalli. *História da Igreja Católica*. 3ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2006, p. 24.

⁹ BRANDÃO, Helena HathsueNagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 47.

“situa-se na vertente oposta a uma concepção idealista do sujeito que, interpretado como o fundador do pensamento e do objeto pensado, vê a história como um processo sem ruptura em que os elementos são introduzidos continuamente no tempo concebido como totalização”¹⁰.

Partilhamos da concepção de Helena Brandão quando afirma ser o processo discursivo uma produção de sentido, que passa a ser o espaço no qual emergem as significações, noção que juntamente com a de condição de produção e formação ideológica, são as bases para a formulação da análise do discurso que utilizaremos na documentação. Ou seja, o discurso não é abarcado pela unidade do sujeito e sim pela sua dispersão, que decorre das várias posições possíveis de serem assumidas por ele no discurso.

O surgimento dos movimentos heréticos e as formas geradas no âmbito eclesástico revelam os diferentes posicionamentos sobre os assuntos da fé, a começar pelo gnosticismo que é uma forma de teologia que promete salvação pela compreensão dos enigmas do céu e da terra. Tal compreensão é adquirida quando o ser humano, orientado por um mestre, dirige sua atenção para dentro de si mesmo¹¹. A palavra gnóstico significa “aquele que conhece”¹², por isso, o gnosticismo trata sobre conhecimento secreto, que resultou do sincretismo entre judaísmo e cristianismo. Os primeiros movimentos gnósticos apareceram na Palestina e na Síria, tinham um caráter materialista, pois consideravam Jesus Cristo um simples homem nascido de Maria.

Simão Mago e seu discípulo Menandro são apontados por representantes da Igreja como os fundadores do gnosticismo, que desenvolveu-se consideravelmente no século IV. Os gnósticos formaram vários movimentos com visões que se aproximavam, porém havia também divergências que os afastavam, seus princípios se caracterizavam entre bem e mal, um dualismo que dividia o mundo em físico e espiritual¹³. A seguir um documento que retrata a tentativa de explicar Cristo na concepção gnóstica síria:

O gnosticismo

1. Gnosticismo de tipo sírio

Saturnino (ou Saturnilo) (c.120)

Irineu, Adv. Haer. I.XXIX.1-2

“Saturnino era antioquiano. Pensava, como Menandro, que há um pai absolutamente desconhecido, que fez anjos, arcanjos, virtudes e

¹⁰ BRANDÃO, op. cit., p.33-34.

¹¹ MANDONI, Danilo. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 101.

¹² HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. São Paulo: Edições Rosari, 2008, p. 65.

¹³ Ibidem, p. 65.

potestades; o mundo, porém, e tudo quanto nele existe, foi feito por anjos em número de sete...

O Salvador, conforme Saturnino, não nasceu, não teve corpo nem forma, mas foi visto em forma humana apenas em aparência. O Deus dos judeus, segundo ele, era um dos sete anjos. Visto que todos os príncipes quiseram destruir seu Pai, Cristo veio para aniquilar o Deus dos judeus e para salvar os que nele mesmo acreditassem. Esses são os que possuem uma faísca da vida de Cristo. Saturnino foi o primeiro que afirmou a existência de duas estirpes de homens formadas pelos anjos: uma de bons e outra de maus. Tendo em vista que os demônios davam seu apoio aos maus, o Salvador veio para destruir os demônios e os perversos, salvando os bons. Mas, ainda segundo Saturnino, casar-se e procriar filhos é obra de Satanás¹⁴.

Percebemos nesse documento o dualismo entre o bem e o mau e a busca pelo conhecimento que somente será alcançado com a libertação do espírito que está preso a matéria. Diante da gnose o cristianismo estava frágil, pois os hereges gnósticos se consideravam “ortodoxos”, uma vez que também se baseavam na escritura, na tradição e no credo¹⁵. O gnosticismo estava pautado em quatro traços característicos, que em toda a sua peculiaridade, prometem ao “eu” humano uma redenção através do caminho do conhecimento e podem ser sintetizados nas seguintes ideias:

1. Dualismo entre bem e mal, reino da luz e reino das trevas;
2. Libertação da centelha de luz aprisionada na matéria;
3. O conhecimento do “eu” só é alcançado quando este consegue se libertar dos grilhões da matéria e volta para o reino do verdadeiro Deus;
4. O discurso sobre “queda” e “ascensão” está permeado de elementos filosóficos, religiosos e astrológicos da época, evidenciando seu caráter sincrético.

Diante do alcance que o gnosticismo havia tomado, o cristianismo lançou mão de guardar a revelação bíblica e garantir seu caráter histórico¹⁶, reagiu contra as aspirações gnósticas com a memória de uma tradição apostólica. Com esse embate entre cristianismo e gnosticismo, se delineou cada vez mais a imagem de um único Deus verdadeiro.

Já o Marcionismo representou um grave confronto com a Igreja, liderada por Marcião, que era filho do bispo de Sinope, no Mar Negro, tendo sido expulso da congregação da qual participava (os motivos de tal expulsão não são claros). Marcião estabeleceu-se posteriormente na comunidade romana, onde passou a pregar um “Deus de

¹⁴BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 2007, p. 77.

¹⁵DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo, RS: Sinodal 1993. (Coleção História da Igreja v. 1). p. 33.

¹⁶STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B. Antiquidade In: LENZENWEGER, Josef et alii. *História da Igreja Católica*. 3 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2006, p. 25.

Amor”¹⁷, em detrimento do Deus do Antigo Testamento, que para ele era cheio de ira. O fato é significativo, pois mostra a força e a penetração do movimento gnóstico¹⁸. Sua afinidade com o dualismo gnóstico, na existência de um Deus justo e outro semelhante ao Demiurgo, encontrou afinidade para tal doutrina no apóstolo Paulo, que segundo ele foi o único que entendeu a revelação de Deus em Cristo¹⁹. Sua tentativa de separar do cristianismo qualquer ligação com o judaísmo e suas tradições é uma das suas principais características. Os principais elementos do marcionismo são:

- *Afinidades com o dualismo gnóstico*: existência de um Deus justo e cheio de ira, Javé, identificado com o demiurgo, e de um Deus de amor e de toda consolação, o Deus do evangelho; o Deus bom assumiu um corpo aparente em Cristo; desprezo da matéria.
- *Rígido antijudaísmo*: separação do cristianismo de qualquer ligação com o judaísmo.
- *Repúdio integral do AT*: AT e NT estão em plena contradição; rejeição da explicação alegórica do AT.
- *Rigorismo ético*: abstenção de todas as obras do Deus criador, especialmente o matrimônio, a carne e o vinho²⁰.

A Igreja proclamou-se diante de Marcião para recusar suas idéias: que o Antigo e o Novo Testamento são normativos para seu ensino e ao declarar que o Deus do Antigo Testamento, o criador, é o pai de Jesus Cristo, portanto a criação é e continua sendo a boa criação de Deus²¹, e que todas as declarações devem partir dessa premissa. Podemos perceber que a partir desse momento a Igreja instituiu seu primeiro dogma de fé, ou seja, ponto fundamental e indiscutível da sua doutrina religiosa.

Outro movimento que se destacou foi o ebionismo, que se caracterizava por judeus-cristãos que observavam a lei mosaica e reconheciam Jesus Cristo como Messias²²; porém compreendiam que Jesus não era filho de Deus e sim um simples homem.

“Essa doutrina dos primeiros séculos de nossa era afirmava que Jesus possuía apenas uma natureza, a saber, a humana. Ainda, de acordo com esta heresia, também ensinava ser o Cristianismo uma mera continuação do Judaísmo, no qual o Nazareno não tinha nenhum dos atributos

¹⁷Idem, p. 26.

¹⁸DREHER, Martin N. Op. Cit., p. 34.

¹⁹DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993. (Coleção História da Igreja v. 1). p. 35.

²⁰MANDONI, Danilo. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 104.

²¹Idem, p. 36.

²²RIBEIRO JÚNIOR, João. *Pequena história das heresias*. Campinas, SP: Papirus, 1989, p. 23.

naturais e atributos que caracterizam a natureza divina (ANDRADE, 1996). Eles também rejeitavam o nascimento virginal, sustentando que Jesus nascera de José e Maria normalmente (MATERA, 1989, p. 47). Ao rejeitar a divindade real ou ontológica de Jesus, asseverava que Jesus era um homem comum que possuía dons incomuns (ERICKSSON, 1997). Mas não sobre-humanos, ou sobrenaturais. Segundo Daniélou (*apud* FRANGIOTTI, 1995), os ebionitas representavam uma tendência judaico-cristã herética²³.

O movimento ebionita enfatizava a natureza humana de Jesus, como filho carnal de Maria e José, que teria se tornado Filho de Deus no batismo. Desvalido por cristãos e judeus, o ebionismo constituiu uma vertente separada com suas interpretações da Sagrada Escritura. A concepção ebionita compreendia Jesus como um mero homem, para eles, era importante decidir sobre a identidade ontológica de Jesus de Nazaré conforme João Ribeiro Júnior²⁴, “entendiam que ele não era o filho de Deus e sim um simples homem, o profeta anunciado por Moisés”. Os ebionitas eram condenados porque consideravam Jesus um ser humano e nada além, mas parece que para eles tinha sido bem mais que isso. Seu nome vem do aramaico *ebyon* “pobre”, os ebionitas consideravam-se judeus que acreditavam em Jesus²⁵, a Igreja dos ebionitas resistiu até o século V.

O século IV foi, sem dúvidas, um período de grandes contendas no âmbito da Igreja, principalmente os conflitos teológicos que ocorriam em torno da questão trinitária, da definição da divindade entre Deus, o Pai, e o Filho. As controvérsias sobre questões cruciais da fé também tiveram a interferência imperial, e muitas vezes se caracterizaram por lutas políticas²⁶. Diante desse contexto surge um conflito que se apresentou entre Ário, que se considerava um teólogo conservador, e os bispos cristãos. Um dos temas centrais da doutrina de Ário é que o Pai é o único não gerado, ou seja, que o Filho não era divino, mais sim uma criatura como qualquer outra e possuía um caráter subordinacionista em relação ao Pai.

Diante desse conflito foi convocado um concílio em Nicéia (325), que reuniu diversos bispos de todas as regiões para que fosse estabelecida a paz para a Igreja. Dentre eles destacavam-se Eustácio de Antioquia e Marcelo de Ancira, e entre o grupo que apoiava Ário estava presente Eusébio de Nicomédia e também Eusébio de Cesaréia²⁷. Os arianos propuseram uma formulação da fé cristã, Eusébio de Cesaréia fez então uma proposta, ele

²³SILVA, José Orlando da. *A encarnação como a suprema hierofania: Releitura interpretativa do cristianismo*. Dissertação – Mestrado, Recife: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, 2012, p. 54.

²⁴JÚNIOR, João Ribeiro. *Pequena história das heresias*. Campinas, SP: Papyrus, 1989, p. 23.

²⁵HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. São Paulo: Edições Rosari, 2008, p. 64.

²⁶MANDONI, Danilo. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 121.

²⁷STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B. *Antiguidade In: LENZENWEGER, Josef et alii. História da Igreja Católica*. 3 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2006, p. 62.

formularia a fé num único Deus e verbo divino, buscava-se, portanto confirmar que o Filho pertence à esfera divina, indo contra a idéia ariana do *logos* ser uma criatura²⁸. Eusébio posteriormente justificou sua atitude a comunidade a qual pertencia, afirmando que havia agido desse modo para conseguir a paz da Igreja, que pretendia o imperador.

É interessante averiguarmos os motivos pelos quais havia tantos bispos que estavam seriamente divididos sobre a questão ariana, sabemos que muitos simpatizantes da doutrina de Ário foram silenciados à força por ordens do imperador²⁹.

Ário tinha muitos seguidores e mesmo com a sua condenação ao exílio, após o concílio de Nicéia, a questão não estava encerrada e perdurou até o ano de 381. O arianismo adentrou até mesmo na corte, especialmente por causa da irmã do imperador, chamada Constância, que levou Constantino a adotar uma política mais flexível, permitindo aos exilados, dentre eles Ário e Eusébio de Nicomédia, que inclusive se tornou de sua íntima confiança, que voltassem e readquirissem suas sedes. Talvez essa atitude de Constantino se caracterize por interesses políticos já que os arianos eram a maioria nas regiões orientais³⁰.

Partindo da análise documental de tais questões, podemos presumir que Eusébio de Cesaréia entendia a questão herética como uma ameaça ao cristianismo e a fé na verdade professada pela Igreja. Podemos perceber o posicionamento arbitrário de Eusébio quando se trata de escrever a respeito das heresias que surgiram na Antiguidade, e de qualquer outro pensamento que fosse contra seus princípios dogmáticos, ou que se apresentasse como negação da verdade original segundo seus preceitos. É importante ressaltar que não era somente o bispo de Cesaréia que se posicionava dessa forma, pois ele fazia parte de um grupo social, cujo pensamento convergia com seus posicionamentos, contudo deve-se perceber que o significado da palavra “heresia” foi adquirindo novos matizes com os desenvolvimentos medievais³¹.

2.3 Ortodoxia e Heterodoxia: os debates e conflitos em torno do arianismo

Ário (260-335) nascido na Líbia, educado na escola catequética de Luciano de Antioquia, era sacerdote em Alexandria, um centro do pensamento helenístico e lugar de

²⁸Idem, p. 63.

²⁹HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. São Paulo: Edições Rosari, 2008, p. 81.

³⁰MANDONI, Danilo. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p.129.

³¹BARROS, José D' Assunção. *Papas, imperadores e hereges na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Série A Igreja na História). p. 57.

uma escola famosa dedicada à expansão do Cristianismo entre as classes mais cultas³². Nesse contexto começa a se propagar o pensamento ariano (entre 318 e 381 d.C.) através de cartas, homilias, canções sacras e escritos³³. A Controvérsia Ariana pautava-se em torno de uma definição bíblica legítima da relação entre Deus, o Pai, e o Filho.

Ário interpretou o Filho de Deus em um sentido subordinacionista, ou seja, estava numa posição inferior ao Pai, que teria sido criado do nada. O logos, desse modo, teria sido “produzido”, através da obra de criação do Pai, era uma criatura como outra qualquer. Os pontos principais da doutrina ariana são: o Pai é o único não-gerado, não-criado, eterno e sem princípio, o único que é a origem; é anterior ao Filho; portanto se o Pai gerou o Filho, este passou a existir no tempo, conseqüentemente houve um momento em que o Verbo não existia; o Verbo é pura criatura e mutável, podendo conquistar novas perfeições³⁴.

É interessante observarmos que a controvérsia do arianismo surge no âmbito do cristianismo, difundida por um sacerdote cristão. Portanto, o arianismo não se configurava como desvio da tradição ou como construção de uma nova seita, mas no nosso ponto de vista numa busca pela verdadeira essência de Cristo, em um consenso sobre a gênese da doutrina cristã.

Ário apoiava-se nas seguintes premissas bíblicas: Pr 8,22 (Deus me criou), Mc 10, 18 (só Deus é bom) e 13, 32 (o Filho ignora o dia do julgamento), Jo 14, 28 (o Pai é maior do que eu), 1 Cor 15,28 (o Filho será submisso ao Pai), Cl 1,15 (o primogênito de toda criatura)³⁵.

Constantino resolve intervir nos debates sobre a essência de Cristo e convoca um concílio, denominado de Concílio de Nicéia (em 325) que reuniu vários bispos para que fosse deliberada a questão ariana e outras que estavam em discussão na época. No concílio, alguns bispos estavam preocupados com a unidade da Igreja, e outros com as distorções dos dogmas e doutrinas cristãos³⁶.

O grupo em torno de Ário contava com os bispos Eusébio de Nicomédia e Eusébio de Cesaréia, as discussões teológicas se acirraram ainda mais por causa da formulação da fé cristã proposta pelos arianos, originando resistências. Eusébio de Cesaréia propôs uma profissão de fé da sua comunidade que professava a fé num único Deus, dessa forma

³²MANDONI, op. cit., p.121.

³³MANDONI, op. cit., p.122.

³⁴MANDONI, op. cit., p.122.

³⁵MANDONI, op. cit., p.123.

³⁶PAPA, Helena Amália. *Cristianismo Ortodoxo versus Cristianismo Heterodoxo: uma análise político-religiosa da contenda entre Basílio de Cesaréia e Eunômio de Cízico (séc. IV d.c.)*. Dissertação – Mestrado, Franca : UNESP, 2009, p. 45.

apaziguando as contendas, foram feitas apenas alguns complementos no que concerne ao emprego da palavra *homoousios* que significa (da mesma essência).

O símbolo de Nicéia, portanto, visa confirmar que o Filho pertence à esfera divina assim como o Pai, posicionando-se contra as ideias de Ário. Todos os bispos assinaram a fórmula, inclusive Eusébio de Cesaréia, que concordou com os termos impostos de fé, menos Ário e dois de seus seguidores. Numa carta enviada posteriormente a sua comunidade, o bispo de Cesaréia busca explicar tal atitude, declarando que a paz na Igreja era necessária e devia-se ao Imperador³⁷. Ário e seus seguidores foram exilados na Ilíria.

Podemos analisar que, nesse contexto de fortes debates em torno da figura de Cristo, revela-se um ideal político-religioso que diz respeito a afirmar uma doutrina perante o Império e seu poder central. Também podemos perceber que se trata, sobretudo, de interesses e benefícios que seriam conseguidos com a definitiva proteção do Estado com relação à Igreja. A seguir uma carta de Ário ao bispo de Nicomédia, Eusébio, revela as disputas em torno das explicações sobre a natureza de Cristo e as represálias sofridas por aqueles que fossem contra as definições da Igreja sobre o assunto.

O arianismo

1. Carta de Ário a Eusébio, bispo de Nicomédia (c. 321)

Teodoreto, bispo de Ciro (423-458), H.E.I.V

“Ao seu queridíssimo, homem de Deus, cheio de fé e ortodoxia, Eusébio, saudações no Senhor da parte de Ário, injustamente perseguido pelo Papa Alexandre, sabendo que a verdade que de tudo triunfa tem em Eusébio seu defensor.

Visto que meu pai Amônio está de saída para Nicomédia, creio de meu dever enviar por seu intermédio minhas saudações e, confiando na vossa natural inclinação para acolher os irmãos por amor de Deus e de Cristo, avisar-vos-ão quão gravemente somos atacados e perseguidos pelo bispo, que se volta contra nós chegando ao extremo de nos expulsar da cidade como ateu, porquanto não concordamos com ele nas suas pregações: “Deus sempre, o Filho sempre; ao mesmo tempo o Pai, ao mesmo tempo o Filho; o Filho coexiste com Deus, não sendo gerado no tempo; gerado desde a eternidade, Ele não nasceu por geração; o Pai não é anterior ao Filho, nem por pensamento nem por um momento de tempo; Deus sempre, o Filho sempre; o Filho existe desde que existe o próprio Deus”.

Vosso irmão Eusébio, bispo de Cesaréia, Teodoto, Paulino, Atanásio, Gregório, Aécio e os demais bispos do Oriente foram condenados porque diziam que Deus existe sem começo, antes do Filho; apenas discordaram Filogônio, Helânico e Macário, os quais são hereges e ignorantes na fé; não falta entre eles quem afirme ser o Filho uma efluência; outros, uma projeção do Pai; outros ainda que éco-ingênito com o Pai.

Mas não podemos dar ouvidos, nem mesmo pensar em debelar estas heresias, sem que nos ameacem com mil mortes. Nós pensamos e

³⁷STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B. Antiguidade In: LENZENWEGER, Josef etalli. *História da Igreja Católica*. 3ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2006, p.63.

afirmamos como temos pensado e continuamos a ensinar: que o Filho não é ingênito, nem participa absolutamente do ingênito, nem derivou de alguma substância, mas que por sua própria vontade e decisão existiu antes dos tempos e era inteiramente Deus, unigênito e imutável.

Mas, antes de ter sido gerado ou criado ou nomeado ou estabelecido, ele não existia, pois ele não era ingênito. Somos perseguidos porque afirmamos que o Filho tem início, enquanto Deus é sem início. Eis por que somos perseguidos, e também porque afirmamos que ele é do que não é, justificando essa afirmação, porquanto ele não é parte de Deus nem deriva de substância alguma. Por isso somos perseguidos. Vós sabeis o resto.

Confio, caro Eusébio, fiel discípulo de Luciano, que permaneçais firmes no Senhor e lembrado de nossas aflições”³⁸.

Como observamos a carta de Ário a Eusébio de Nicomédia exemplifica os debates, os conflitos e os interesses envolvidos em torno das questões cristológicas daquele momento. Percebemos, ao longo dessas considerações, que as percepções de movimentos tidos como heréticos sobre questões relacionadas à fé e ao mundo sobrenatural, não estavam desconectadas. Muitas concepções se assemelhavam umas com as outras, porém divergiam também sobre várias temáticas, ou seja, ao mesmo tempo em que se aproximam elas se afastam em suas discussões sobre a fé. Os posicionamentos da Igreja em relação a elas foram bastante hostis, a partir do momento em que os eclesiásticos perceberam o risco de tais opiniões contrárias à verdade imposta pelo cristianismo, pois ameaçavam seus privilégios e sua hegemonia frente aos fiéis.

Ao tratarmos especificamente da HE, fica evidente na obra a tentativa de justificar a postura da Igreja com relação às heresias. Eusébio inicia seu discurso sobre as heresias no livro II, quando identifica Simão Mago como o chefe de todas as heresias, eis o que relata sobre ele:

“Por aquele tempo Simão tinha conseguido tamanha fama com seu mágico poder sobre os iludidos que ele mesmo acreditava ser o grande poder de Deus. Foi então que, pasmo ante as incríveis maravilhas operadas por Felipe com o poder divino, infiltrou-se e levou o fingimento de sua fé em Cristo ao ponto de ser batizado”³⁹.

A partir dessa passagem Eusébio começa a tecer sua fala sobre as diversas heresias, que ele aponta como sendo calúnias contra a Igreja cristã. Nesse trecho Simão é apontado como o precursor das heresias, que enganou até mesmo Filipe, que estava em Samaria para evangelizar. Compreendemos que existe uma concorrência na pregação daquilo que se acredita, Simão Mago é visto como o primeiro herege e o representante do demônio. É interessante observarmos que nesse momento as querelas e as heresias em questão são

³⁸ BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 2007, p. 82.

³⁹ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. (Trad. Wolfgang Fischer; rev. Maria Aparecida Salmeron). São Paulo: Novo Século, 2002. Livro II: 11, p. 33.

sobre aspectos puramente teológicos, posicionamentos que diferem de uma doutrina privilegiada, que no caso é o cristianismo ortodoxo, são colocados em uma posição de ilegalidade.

Eusébio não consegue ver nas outras correntes religiosas o caminho certo, ou uma nova forma de interpretação das Sagradas Escrituras, mas somente a direção errada induzida pelo demônio. Ao longo da HE percebemos no discurso de Eusébio um confronto incessante entre Deus e o diabo, tudo é justificado e depende da relação entre o bem e o mau:

“No entanto, havendo-se propagado a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo a todos os homens, o inimigo da salvação dos homens já tramava antecipar-se na captura da cidade imperial e para lá conduziu Simão, de quem já falamos acima. De fato, seguindo as hábeis artes deste homem, ganhou para o erro muitos habitantes de Roma.

E depois da ascensão do Senhor ao céu, os demônios levaram alguns homens a dizer que eram deuses, e estes não somente não foram perseguidos por vós, mas até foram considerados dignos de honras. Um tal Simão, samaritano, originário da aldeia chamada Giton, que em tempos do César Cláudio realizou mágicos prodígios em vossa imperial cidade, Roma, por arte dos demônios que nele operavam, foi tido por deus, e como a um deus foi honrado por vós com uma estátua no rio Tibre, entre as duas pontes, com a inscrição latina seguinte: SIMONIDEO SANCTO, ou seja: A Simão, o Deus santo”⁴⁰.

A partir da leitura dessa passagem, podemos perceber que Simão é salientado como o inimigo da fé cristã, aquele que trabalha para o mau, e como principal concorrente dos apóstolos. Eusébio aponta Simão Mago como sendo aquele que incitado pelo demônio propagou uma doutrina falsa para atrapalhar a ascensão da Igreja. Tudo que não é tido como parte da Igreja Romana passa a ser demonizado, para o autor as heresias eram as obras do mau.

Considerações finais

Como podemos observar ao longo do trabalho, existia toda uma trajetória de movimentos considerados heréticos anteriores a vida de Eusébio e de discursos sobre esses movimentos na tradição da Igreja. Portanto, quando ele fala das heresias ele se posiciona em relação a essa tradição, sendo por ela influenciado. Nosso intuito neste artigo foi de verificar os processos formadores de identidade através do contexto de escrita da obra

⁴⁰HE, II, 1 e 3, p. 39.

História Eclesiástica do bispo Eusébio de Cesaréia e compreender o momento histórico destes debates em torno da *verdade* estabelecida pelo cristianismo em matéria de fé.

O arianismo é um dos movimentos pelos quais abordamos as controvérsias religiosas, surgiu dentro do próprio cristianismo, foi formulado por um eclesiástico cristão, justamente em um momento em que a Igreja buscava a afirmação e legitimação de suas crenças: o cristianismo utilizou-se do discurso como forma de estabelecer uma identidade cristã ortodoxa. Partindo da ideia de que só existe ortodoxia pela alteridade das heresias, já que a identidade porta sempre o traço da diferença. As construções identitárias nascem das relações dos sujeitos, das suas práticas e os seus efeitos são múltiplos que se concretizam nos encontros estabelecidos em contextos únicos, de situações precisas influenciadoras de práticas discursivas que estão em constante transformação, inclusive a partir da apropriação social de tal discurso.

Nessa perspectiva, pode-se entender a partir do autor que o poder como verdade pode ser estabelecido pelos discursos produzidos e pelas relações que ele determina, sem a devida reflexão crítica dos sujeitos. Os processos de exclusão fazem parte do mecanismo de pertença de determinado grupo social, as relações de poder impostas partem também de instituições das quais estamos inseridos, questionando quem fala e o que fala. O discurso não é atribuição exclusiva de quem o enunciou, este é produto da interação entre os sujeitos, mergulhados em uma situação social específica.

Sobre o discurso identitário presente nos fragmentos da obra HE, podemos identificar que Eusébio assumia um posicionamento no qual estavam implícitos os seus pensamentos políticos. Ou seja, o discurso que constitui a nova identidade cristã é o elemento de unidade fundamental no qual o cristianismo se pauta para convencer novos fiéis a sua doutrina. Nesse sentido, Eusébio, assim como outros autores de seu tempo, deve ser visto como um propagador do conjunto de enunciados formulados pelos intelectuais católicos para difundir e universalizar o cristianismo.

Bibliografia

1. Documentação Primária Impressa:

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. (Trad. Wolfgang Fischer; rev. Maria Aparecida Salmeron). São Paulo: Novo Século, 2002.

2. Documentação Secundária Impressa:

BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 2007.

3. Obras Teórico-Methodológica:

- BRANDÃO, Helena HathsueNagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Col. Tópicos).
- FALCON, Francisco José Calazans. *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós- modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and Theory*, n. 42, p. 39-44, February of 2003, p. 39.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. As origens da Historiografia Eclesiástica. In: *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004. p. 187- 217.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.), HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

4. Obras Gerais:

- BARROS, José D' Assunção. *Papas, imperadores e hereges na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. (Série A Igreja na História).
- BARROS, José D'Assunção. *Heresias: considerações sobre a história de um conceito e sobre as discussões historiográficas em torno das heresias medievais*. Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 21, jan./jun. 2010. p. 33- 49.
- CRUZ, Marcus Silva da. *A representação do bispo de Roma no discurso historiográfico dos séculos IV e V*. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, RJ: UFRRJ, 2010.
- CRUZ, Marcus Silva da. *Identidade e historiografia na Alta Idade Média*. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO, 1, 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, RJ: UFRRJ, 2008. Disponível em: <www.encontro2008.rj.anpuh.org/.../1212970909_ARQUIVO_IdentidadeehistoriografianaAltaIdadeMedia.pdf> Acesso em: 06/03/2010.

- DREHER, Martin N. *A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo, RS: Sinodal 1993. (Coleção História da Igreja v. 1).
- FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias (séculos I- VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.
- HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. São Paulo: Edições Rosari, 2008.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. *Pequena história das heresias*. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- LEMOS, Márcia S. *O episcopado cristão no Império Romano do século IV: práticas cotidianas e ação política*. In: III Encontro Estadual de História, 2006, Caetité. III Encontro Estadual de História. Poder, cultura e diversidade. Caetité: Universidade Estadual da Bahia, 2006. v. 3.
- MANDONI, Danilo. *História da Igreja na Antiguidade*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- OLIVEIRA, Elisana Ribeiro; CRUZ, Rosana Brito da. *Eusébio de Cesaréia e a História Eclesiástica: um discurso identitário acerca da ortodoxia via alteridade das heresias*. Alétheia – Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medieval Volume 2/2, julho a dezembro de 2011, p. 74-82.
- PAPA, Helena Amália. *Cristianismo Ortodoxo versus Cristianismo Heterodoxo: uma análise político-religiosa da contenda entre Basílio de Cesaréia e Eunômio de Cízico (séc. IV d.c.)*. Dissertação – Mestrado, Franca: UNESP, 2009.
- SILVA, José Orlando da. *A encarnação como a suprema hierofania: Releitura interpretativa do cristianismo*. Dissertação – Mestrado, Recife: UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, 2012. p. 54.
- STOCKMEIER, Peter; BAUER, Johannes B. Antiguidade. In: LENZENWEGER, Josef et all. *História da Igreja Católica*. 3 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2006. p.7-112.
- ZERNER, Monique. *Heresia*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Coord.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. Vol. I, p.503-522.